



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N°. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

Comportamentos Agressivos de Alunos: Uma leitura a partir da Análise do Comportamento

Íris Luciana Silva da Silva

Belém - Pará
2021



Comportamentos Agressivos de Alunos: Uma leitura a partir da Análise do Comportamento

Íris Luciana Silva da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestra.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline Beckmann de Castro Menezes.

Belém - Pará
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
UFPA/Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento/Biblioteca

S586c Silva, Íris Luciana Silva da, 1996-

Comportamentos agressivos de alunos: uma leitura a partir da análise do comportamento / Íris Luciana Silva da Silva. — 2021.

49f. il

Orientador: Aline Beckmann Menezes

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2021.

1. Psicologia: análise do comportamento. 2. Comportamento agressivo (alunos). 3. Violência na escola (comportamento). 4. Violência contra Professor. 5. Análise Funcional: ferramenta de observação. I. Título.

CDD - 23. ed. 150.7

Catálogo na fonte: Maria Célia Santana da Silva- CRB-2/780



Este estudo foi parcialmente financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Íris Luciana Silva da Silva, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, Brasil.
Contato: Íris Luciana Silva da Silva.
E- mail: psico.irissilva@gmail.com



Programa aprovado pelo Conselho Superior de Ensino e Pesquisa da UFPA – Resolução 2545/98. Reconhecido nos termos das Portarias N.º. 84 de 22.12.94 da Presidente da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e No. 694 de 13.06.95 do Ministério da Educação e do Desporto. Doutorado autorizado em 1999.

Dissertação de Mestrado

“Comportamentos Agressivos de Alunos: uma leitura a partir da análise do comportamento.”

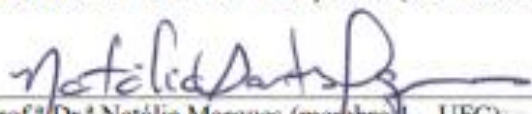
Aluna: Íris Luciana Silva da Silva

Data da Defesa: 06 de maio de 2021.

Resultado: Aprovado.

Banca Examinadora:


Prof.ª Dr.ª Aline Beckmann Menezes (orientadora – UFPA).


Prof.ª Dr.ª Natália Marques (membro II – UFC).


Prof.ª Dr.º Paulo Roney Kilpp Goulart (membro 2 – UFPA).

(Essa folha, depois de assinada, deverá ficar com o aluno)

Termo de Autorização e Declaração de Distribuição não exclusiva para Publicação Digital no Repositório Institucional da UFPA

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DA OBRA

Autora: Íris Luciana Silva da Silva

Vínculo com a UFPA: () Servidor; (x) Discente Unidade: Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento

Sub-Unidade: Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Tipo do documento: () Tese (x) Dissertação () Livro () Capítulo de Livro () Artigo de Periódico () Trabalho de Evento () Outro. Especifique: _____

Título do Trabalho: Comportamentos Agressivos de Alunos: Uma leitura a partir da Análise do Comportamento

Data da Defesa: 06/05/2021

Área do Conhecimento: Psicologia Experimental

Agência de Fomento: CNPq

*Para cada autor, uma autorização preenchida e assinada.

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA

O referido autor:

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Pará os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros, está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Pará, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPA a disponibilizar de acordo com a licença pública *Creative Commons* Licença 3.0 *Unported*, e de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra citada, conforme permissões abaixo por mim assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a partir desta data.

Permitir o uso comercial da obra?

(x) Sim

() Não

Permitir modificações em sua obra?

(x) Sim, contanto que compartilhem pela mesma licença

() Não

O documento está sujeito ao registro de patente?

() Sim

(x) Não

A obra continua protegida conforme a Lei Direito Autoral.

Belém(PA), 12 / 07 /2021

Íris Luciana S. da Silva

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos do Trabalho

Meu primeiro parágrafo neste agradecimento não cabe em um nome ou em um endereço. Mas sim, a todos que contribuíram para que eu chegasse até aqui no mestrado, mesmo diante deste cenário caótico de pandemia. Espero que vocês recebam todo o meu afeto e gratidão.

Agradeço a Deus e ao universo, com todas suas belezas.

Agradeço à minha família pelo apoio imensurável desde o início dos meus estudos, saibam que foi junto com vocês que os primeiros sonhos no campo acadêmico e profissional foram sendo estabelecidos. E foi pela confiança de vocês nos meus sonhos, me dando suporte, que eu posso hoje ir aos poucos, colhendo seus frutos.

Agradeço aos meus amigos, meus colegas de trabalho, de estudo, da vida.

Agradeço à minha orientadora, que desde a graduação me guia nesta jornada acadêmica de uma maneira empática, acolhedora. Saiba que eu me gabo pela “sorte” de tê-la como professora e orientadora.

Agradeço à banca examinadora por aceitarem participar e contribuir com este trabalho

Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro durante um período de realização desta pesquisa. Espero que o Conselho possa sobreviver frente a tantos ataques e se fazer presente na trajetória de muitos alunos e professores.

Por fim, meu “muitíssimo obrigada” a todas as pessoas que me apoiaram no desenvolvimento deste trabalho, por meio de um “eu te amo”, “como você está?”, “como vai os estudos?”, um abraço virtual ou um feedback sobre o meu processo de escrita.

Do rio que tudo arrasta se
diz que é violento
Mas ninguém diz violentas as
margens que o comprimem

(Bertold Brecht, 1973, p. 71)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fluxograma de Identificação e seleção dos artigos científicos.....	22
--	----

Sumário

Introdução	11
Comportamentos Agressivos de Alunos: Desafios ao Contexto Escolar	11
Comportamentos Agressivos de Alunos a partir da Análise do Comportamento.....	15
Método.....	19
Especificação e Seleção das Fontes.....	20
Levantamento das Informações.....	22
Tratamento das Informações.....	22
Resultados e Discussões.....	23
Características Gerais: Objetivos e Métodos.....	23
Eventos Antecedentes.....	28
Classe de Respostas.....	31
Consequências.....	34
Considerações Finais.....	37
Referências	
Apêndice	

Silva, I. L. S. (2021). *Comportamentos Agressivos de Alunos: Uma Leitura a partir da Análise do Comportamento*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Universidade Federal do Pará. Belém, PA, 49 páginas.

RESUMO

A educação tem inúmeras contribuições para com a sociedade, contudo, a ocorrência de comportamentos agressivos pode ser um desafio para que ela obtenha êxito em seus objetivos. Sendo assim, propõe-se neste estudo realizar uma análise conceitual dos comportamentos agressivos de alunos em sala de aula, a partir de suas formas de uso em estudos da literatura analítico-comportamental. A presente pesquisa dividiu-se metodologicamente em: especificação e seleção das fontes, levantamento e tratamento das informações. A partir dessas etapas foram selecionados quatro artigos e construídas quatro categorias de análise. Como principais achados, destacaram-se: variáveis do próprio ambiente escolar enquanto eventos antecedentes ao comportamento agressivo de alunos, tais como a produção de demandas aversivas para os discentes e o comportamento do professor. No que tange a classe de respostas, encontrou-se mais topografias de agressões físicas, direcionadas tanto a própria pessoa quanto a outrem ou ainda outros lugares e/ou objetos. Quanto as consequências e as funções, cita-se a fuga de demandas e interrupção de atividades (reforçamento negativo) e obtenção de atenção dos discentes pelos professores (reforçamento positivo). Por fim, conclui-se que revisitar a literatura científica do campo da análise do comportamento pode ser relevante para gerar novos questionamentos acerca da temática de comportamentos agressivos de alunos no contexto escolar, auxiliando na compreensão destes.

Palavras-chave: comportamento agressivo; análise do comportamento; educação; estudantes.

Silva, I. L. S. (2021). *Aggressive Student Behaviors: A Reading from Behavior Analysis*. Master's thesis. Behavioral Theory and Research Graduate Program. Universidade Federal do Pará. Belém, PA, 49 pages.

ABSTRACT

Education has numerous contributions to society; however, the occurrence of aggressive behaviors can be a challenge for it to be successful in its goals. Therefore, this study proposes to carry out a conceptual analysis of the aggressive behaviors of students in the classroom, from their forms of use in studies of the behavioral-analytic literature. This research was methodologically divided into specification and selection of sources, investigation, and treatment of information. From these steps, four articles were selected, and four categories of analysis were constructed. The main findings were variables of the school environment as antecedent events to the aggressive behavior of students, such as the production of aversive demands for students and the teacher's behavior. Regarding the class of responses, more topographies of physical aggression were found, directed both at the person and at others or even other places and/or objects. As for the consequences and the functions, it is mentioned the escape of demands and interruption of activities (negative reinforcement) and the teachers' obtaining attention from the students (positive reinforcement). Finally, it is concluded that revisiting the scientific literature in the field of behavior analysis can be relevant to generate new questions about the theme of aggressive behavior of students in the school context, helping their understanding.

Keywords: aggressive behavior; behavior analysis; education; students.

Comportamentos Agressivos de Alunos: Desafios ao Contexto Escolar.

A violência e a ocorrência de comportamentos agressivos de alunos nas escolas são temas que comumente aparecem nos veículos midiáticos, em pesquisas e relatórios nacionais e internacionais acerca da educação, e ainda na escuta e acolhimento de todos aqueles que compõem o ambiente escolar.

Silva e Assis (2018) relembram em seu estudo de revisão da literatura acerca da prevenção da violência escolar, que a discussão sobre casos violentos ganha visibilidade após crimes cometidos como o da Chacina de Realengo, em uma escola municipal do Estado do Rio de Janeiro, em 2011. E, também, na mesma linha, acrescenta-se o exemplo do atentado em uma escola pública em Suzano, em 2019, no estado de São Paulo, com diversas vítimas (Jucá, 2019).

No que se refere às informações sobre violência e agressão no Brasil, é interessante observar dados como os da Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (TALIS - Teaching and Learning International Survey), que analisou o contexto de ensino e aprendizagem em escolas de educação básica de 34 países, nos anos de 2012 e 2013, a partir da escuta de docentes e diretores das escolas.

Os resultados do TALIS enfatizaram que “no Brasil, mais de um terço dos professores (34%) estão em escolas cujos diretores afirmam verificar intimidação ou ofensa verbal entre os alunos semanalmente” (p.16), sendo este o maior índice para o item na amostra consultada. O nosso país também apresenta maiores percentuais de ocorrência de intimidação ou ofensa verbal de alunos para com os professores.

Outros dados sobre a violência nas escolas no Brasil, mas a partir da escuta de 6.500 alunos, encontram-se no *Diagnóstico Participativo das violências nas escolas: Falam os Jovens* (Abramovay et al., 2016), desenvolvido por uma equipe da Faculdade Latino-Americana de

Ciências Sociais (FLACSO) em parceria com o Ministério da Educação e a Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, Ciência e Cultura (OEI), em sete capitais brasileiras.

Na pesquisa em questão, a maior parte dos alunos apontou que já identificou a ocorrência de algum tipo de violência nas suas escolas (69,7%) no período do último ano. Sobre quem seria o autor da agressão, mais da metade dos discentes (65%) assinalou que foi outro aluno.

Acerca do tipo de violência sofrida nos últimos doze meses as variáveis mais destacadas foram cyberbullying (27,7%), roubo/furto (25,1%) e ameaças (20,9%). Já no que tange o local da escola onde os episódios de violência mais ocorreram apareceu o pátio (25,1%), seguido pelas salas de aula (24,8%).

Del Prette e Del Prette (2001) e Hunter (2003) já apontavam que entre as principais queixas dos professores em relação aos alunos estavam inclusas o aumento de comportamentos agressivos, antissociais, de enfrentamento, baixo engajamento em tarefas e ausência de autorregulação, e que os docentes tinham dificuldade para lidar de maneira mais exitosa com esses problemas.

Entre as repercussões da ocorrência desses fenômenos para os indivíduos que o emitiram, para os sujeitos alvos de agressão ou ainda ao grupo social do qual este faz parte, encontra-se na literatura investigações acerca dos impactos sobre os resultados escolares e na aprendizagem (Becker & Kassouf, 2016; Coie & Dodge, 1998); nas relações sociais, tanto entre pares quanto entre alunos e professores (Coie & Dodge, 1998; Luizzi & Rose, 2010; Mendes et al, 2009); e até mesmo sobre a maior probabilidade de evasão escolar (Coie & Dodge, 1998).

No que toca o impacto de atos agressivos sobre o desempenho escolar dos alunos, por exemplo, Teixeira e Kassouf (2015) e Cittadin e França (2018) realizaram estudos com diferentes bases de dados. Os primeiros autores, utilizando-se de informações do Sistema de

Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), do ano de 2007, concluíram que a violência escolar diminui a probabilidade de um discente do terceiro ano do ensino médio ter desempenho satisfatório na área de matemática e sugeriram que isto está relacionado com o fato da violência diminuir o nível de concentração e frequência às aulas.

Já Citaddin e França (2018), valendo-se dos dados da Prova Brasil/Saeb, do ano de 2011, buscaram relacionar e mensurar o impacto da violência interna e externa ao espaço escolar no desempenho da língua portuguesa em alunos do 5º ano do ensino fundamental. Os resultados apontaram que a violência externa tem menor impacto do que a violência interna, e que variáveis como depredação do patrimônio e a presença de pessoas que emitem comportamentos violentos afetam negativamente o desempenho escolar.

Além dos possíveis impactos de comportamentos agressivos e violência escolar sobre o desempenho e a permanência dos alunos na escola, outros atores da comunidade escolar, como os professores, podem sofrer seus efeitos. Conforme apontam Batista e Pinto (1999) e Lira e Medeiros (2015), a partir de seus estudos, a vivência em contexto escolar permeada pela violência pode indicar maior probabilidade de adoecimento e desmotivação de professores frente ao magistério, não se sentindo preparados para atuarem neste ambiente de trabalho.

Com efeitos tão prejudiciais dos comportamentos agressivos à educação e às pessoas envolvidas nesse processo, pode-se perguntar a fim de buscar formas de lidar com esse problema: O que aumenta a probabilidade de eles virem a ocorrer? Quais as funções dos comportamentos agressivos de alunos neste contexto?

Entende-se que essas questões podem ser auxiliadas pelo campo teórico-científico da análise do comportamento. Sobre isso, Soares e Carvalho Neto (2016) afirmam que há tempos a Análise do Comportamento empenha-se na investigação tanto sobre fenômenos comportamentais

básicos quanto complexos que contenham algum impacto social, buscando-se também a resolução de problemas humanos, entre esses fenômenos está a violência, cuja agressão seria elemento básico.

A escolha pela análise do comportamento para a compreensão dessas questões perpassa pelas: 1) contribuições da área à educação, no que tange a maneira como a abordagem interpreta alguns problemas educacionais e a descrição/aplicação de princípios comportamentais à educação conforme apontam Henklain e Carmo (2003), e 2) a utilização da ferramenta de Análise Funcional para a observação e compreensão das relações funcionais e controle de variáveis envolvidas, permitindo expandir a compreensão sobre comportamentos agressivos, inclusive no que tange sua definição.

Sobre a ferramenta da Análise Funcional, parece ser relevante destacar que quanto ao seu uso não há tanto consenso na literatura (Brandão, 2016; Haynes & O'Brien, 1990; Neno, 2003), uma vez que há divergências em autores da análise do comportamento a respeito de ser Análise Funcional a palavra mais adequada ou ainda a expressão “Avaliação Funcional”. Conforme Mueller et al. (2011) a diferente entre as duas consiste em:

a avaliação pode ser parte de uma Análise Funcional - já que esta exige a manipulação de variáveis. Assim, por avaliação funcional nos referimos a interpretações de possíveis relações entre eventos ambientais e respostas extraídas dos registros em vídeo de interações em sala de aula sem que tenha ocorrido a manipulação de variáveis que comprovaria a relação funcional. (Mueller et al., 2011, p.2).

Todavia, seja apresentada nos estudos como Análise Funcional ou Avaliação Funcional, a ferramenta parece trazer importantes contribuições ao campo da educação e mais

especificamente dos comportamentos agressivos, isto pode ser constatado nos trabalhos de Freitas e Mendes (2008) e Pereira e Gioia (2010).

Por fim, retornando-se as possibilidades de a área da análise do comportamento poder contribuir com os questionamentos acerca de comportamentos agressivos de alunos no contexto escolar, apresenta-se no tópico a seguir uma breve apresentação da literatura da área.

Comportamentos Agressivos de Alunos a partir da Análise do Comportamento.

No que tocam os determinantes dos comportamentos agressivos, pode-se retornar aos próprios fundamentos da abordagem comportamental disposta em Skinner (1953/2003) ao dizer que o comportamento humano (inclusive o agressivo) é produzido pela atuação conjunta dos três níveis de seleção (o nível filogenético, ontogenético e cultural). Logo, é de se esperar conforme esta perspectiva que variáveis como fatores genéticos, socioeconômicos, geográficos, sexo, características da família e do ambiente escolar, por exemplo, afetem a ocorrência de comportamentos agressivos.

Leite (1986) apresentou uma série de pesquisas realizadas na área da Análise do Comportamento com sujeitos humanos e não-humanos, onde a maioria buscou identificar ou descrever algumas relações possíveis entre comportamentos agressivos e seus antecedentes ou consequentes. Entre as possíveis situações que aumentam a probabilidade dos atos agressivos ocorrerem estão: a frustração (situação em que a ocorrência de uma interferência na resposta contribui para uma mudança na consequência que vinha sendo obtida em situações anteriores, tal qual em uma situação de extinção) a; como efeito da estimulação aversiva (podendo ser intensificada quando o comportamento agressivo foi punido, neste caso também se dá ao indivíduo punido um modelo para possível aprendizagem social da agressão); a dor (que pode alterar o valor reforçador de comportamentos agressivos); e ainda pelo reforçamento do

comportamento de agressão (o comportamento poderia ser fortalecido por variáveis reforçadoras consequentes, como aprovação social ou ainda na agressão instrumental, onde o ato é meio para se conseguir algo).

Outro ponto discutido pelo autor a partir das pesquisas apresentadas em seu estudo é de que a agressividade pode ser aprendida por contingências diretas, instrucionais ou observação, e a probabilidade de ocorrência pode aumentar em dadas circunstâncias sociais tal como em ambientes em que há falta de coerência e coesão familiar, rejeição dos pais e exposição frequente a modelos agressivos. Por um outro lado, Leite (1986) indica que existem variáveis inibitórias da agressão como o sentimento de medo, angústia, culpa e empatia, sendo que estes inibidores podem ser desenvolvidos por meio do processo educacional em seu sentido mais amplo.

Sobre os pontos apresentados no parágrafo anterior, pode ser pertinente verificar de que forma estão lidando com a ocorrência de comportamentos agressivos de alunos dentro do contexto escolar, visto que este ambiente parece ser tanto favorável à aprendizagem de padrões de comportamentos agressivos visto as possibilidades altas e diversas de interações sociais, quanto ao desenvolvimento de comportamentos alternativos à agressão, como empatia e assertividade.

Quanto à definição do que são os comportamentos agressivos em estudos na área, Capelari e Fazzio (1999) relatam que a literatura que trata sobre a temática da violência entre sujeitos humanos, comumente se refere ao fenômeno como agressividade, sendo investigadas as contingências a partir das quais são produzidas repostas de ataque de um indivíduo a outro da mesma espécie ou ainda em relação a outros objetos presentes em seu ambiente. Sobre isto, constatou-se durante a busca na literatura, que em alguns estudos ora os comportamentos eram

chamados enquanto agressivos ora denominados violentos, sem nenhuma marcação de diferença entre ambos.

Sobre as possíveis divergências entre os conceitos, no estudo de Cunha Neto (2018) a agressão é disposta resumidamente enquanto a emissão de um conjunto de classe de respostas por indivíduos de uma espécie-específica e que tem como função a busca por recursos (que podem ser fonte de alimento, bem-estar, sexo, habitat) ou a proteção destes. Já a violência para Carvalho Neto et al. (2007) pode ser vista como sinônimo de coerção.

A coerção é definida no livro de Sidman (1989/2009), intitulado “Coerção e suas implicações”, como o uso ou ameaça de punição, ou reforçamento negativo durante a interação entre pessoas e destas com o ambiente físico não-social. Já a agressão, neste mesmo livro, aparece como um dos subprodutos da coerção juntamente com o contracontrole.

Sobre as aproximações entre agressão e violência, Almeida e Zilio (2020) cujo trabalho foi o de analisar a utilização do termo “violência” na literatura analítico-comportamental, encontraram que a agressão foi a associação mais frequente entre todas as categorias presentes. Entender essas possíveis relações pode fornecer algumas ideias da definição de agressão:

Em resumo, em alguns textos analítico-comportamentais o termo “violência” parece estar associado a “agressão”, esta vista como uma classe de comportamento cuja definição baseia-se (a) em elementos topográficos (ação manifesta, observável), (b) em seus efeitos sobre o outro (causar dano), o que não é necessariamente uma definição funcional, (c) em sua função aversiva desencadeadora de comportamento de fuga ou esquiva do “violentado” ou “agredido”, e (d) em sua função de fuga para o agressor / violentador (Almeida & Zilio, 2020, p. 12)

Esta observação dos autores chama a atenção para a compreensão da definição de comportamentos agressivos para além da sua topografia de respostas, mas para seus efeitos danosos sobre o outro, enquanto elementos funcionais relacionados a padrões de fuga e esquiva.

No que corresponde às consequências do comportamento agressivo, além das já mencionadas anteriormente no primeiro tópico, alguns estudos de agressão e coerção na perspectiva analítico-comportamental como os de Sidman (1989/2009) e Viecili e Medeiros (2002) dizem que a utilização de práticas coercitivas pode contradizer os objetivos da escola em formar cidadãos críticos e participativos, já que estas podem ainda gerar contra-ataque direcionado a indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social inclusive, além de que a própria contra-agressão pode reforçar um modo de vida agressiva.

Outros efeitos estudados pela Análise do Comportamento são da punição sobre a ocorrência de comportamentos agressivos. Glidden e Gross (2012) esclarecem que privar o indivíduo de reforço também é punir, e quando o reforço não é liberado a tendência é que as pessoas recorram ao comportamento de fuga ou esquiva, e em situações que não são possíveis, há também a opção de contra-ataque.

Souza e Reis (2006) alertam sobre diversos impactos negativos da punição como padrões de comportamentos antissociais, de insegurança e desconfiança. O rendimento escolar também pode ser dificultado, uma vez que a escola pode ganhar função de estímulo aversivo para os alunos. Além de que fuga e esquiva diminuem a possibilidade de aprendizado, pois os indivíduos se expõem menos a novas contingências, podendo ter maiores dificuldades em se relacionar socialmente.

De modo geral, ao se revisitar a literatura analítico-comportamental sobre o tema da agressão, percebe-se que ela pode contribuir com as discussões sobre comportamentos agressivos

de alunos no contexto escolar a medida em que ela se debruça sobre o estudo de seus determinantes, suas variáveis antecedentes e consequentes, por exemplo.

Contudo surgiram algumas dúvidas sobre como o conceito de comportamentos agressivos vem sendo utilizado nesta área tais como: a apresentação de agressão como sinônimo de violência, sem uma diferenciação tão evidente, e variações sobre quais classes de comportamentos fazem parte do fenômeno. Esta polissemia pode trazer algumas dificuldades, tais como na comparação entre resultados de intervenções e elaboração de novas práticas, tal qual os estudos podem ter considerado critérios diferentes para a classificação de um comportamento enquanto agressivo, dificultando a generalização dos resultados das pesquisas para outros contextos.

Por fim, considerando os impactos dos comportamentos agressivos de alunos à educação e a comunidade escolar, as possíveis contribuições da Análise do Comportamento para manejo e compreensão deste processo e as lacunas quanto a compreensão e utilização do termo agressão, propõe-se neste estudo realizar uma análise conceitual dos comportamentos agressivos de alunos em sala de aula. Para tanto, pretende-se investigar os comportamentos agressivos de alunos a partir de suas formas de uso em estudos da literatura analítico-comportamental por meio das seguintes questões: Quais classes de comportamentos estão sendo consideradas enquanto agressivas? Quais contingências selecionam e mantêm os comportamentos agressivos de alunos no contexto de sala de aula?

Método

A presente pesquisa se insere na área dos estudos conceituais, definido por Tourinho (1999) enquanto aqueles que estão voltados ao desenvolvimento de um sistema explicativo e serão utilizados por determinada ciência para buscar compreender fenômenos relacionados ao

seu objeto de estudo. Esses trabalhos especialmente se diferenciam dos demais por terem o objetivo de discutir de forma produtiva o conjunto de proposições que deve ou não embasar a investigação, seja básica ou aplicada, de uma ciência

O formato metodológico deste estudo baseou-se nos trabalhos de perspectiva conceitual de Vasconcelos Neto (2007), Ferreira (2010) e Santos (2019), no que tange a realização das seguintes etapas: especificação e seleção das fontes relevantes, levantamento das informações e o tratamento das informações.

Especificação e Seleção das Fontes Relevantes

As fontes científicas utilizadas para o desenvolvimento desta pesquisa foram encontradas, buscando-se nos meses de julho e agosto do ano de 2020, nos seguintes periódicos: Behavior and Social Issues, Acta Comportamentalia, Revista Brasileira de Análise do Comportamento - REBAC, Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva - RBTCC, Journal of Applied Behavior Analysis - JABA, The Analysis of Verbal Behavior e Journal of the Experimental Analysis of Behavior - JEAB.

Para o levantamento dos artigos foram utilizadas 6 combinações com 5 descritores, variando em três idiomas distintos, e com o operador booleano “and”. Os descritores foram: comportamento agressivo, agressão, escola, aluno, violência; aggressive behavior, aggression, school, student, violence; comportamiento agresivo, agresión, colegio, alumno, violencia. Descartou-se as seguintes combinações, por expandirem o temas dos artigos para além do campo escolar e/ou do comportamento agressivo: “comportamento agressivo” “and” “agressão”; “comportamento agressivo” “and” “violência”; “agressão” “and” “violência”; “escola” “and” “aluno”. Totalizando, assim, 18 combinações possíveis restantes.

A partir do material encontrado (2223 artigos somando-se todas as buscas) foi feita análise preliminar lendo-se títulos e resumos. Os critérios de inclusão utilizados dessa análise foram: somente artigos; possuírem no título ou resumo menção a comportamentos agressivos no contexto escolar; publicados nos últimos dez anos; escritos em português, inglês ou espanhol; estudos que analisem o ensino fundamental e/ou médio; tanto artigos teóricos quanto da área aplicada. Com a utilização destes critérios encontrou-se 4 artigos (APÊNDICE A).

No que tange a adoção do critério de inclusão de estudos com alunos do ensino fundamental e médio, explica-se pelo motivo destes dois além de comporem a educação básica, também terem uma estrutura parecida de ensino, preconizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei N° 9.394, de 20 de Dezembro de 1996), logo pode-se pensar que algumas possíveis variáveis como regras nas políticas educacionais que poderiam afetar os comportamentos agressivos podem ser diminuídas com alunos fazendo parte da mesma estrutura educacional.

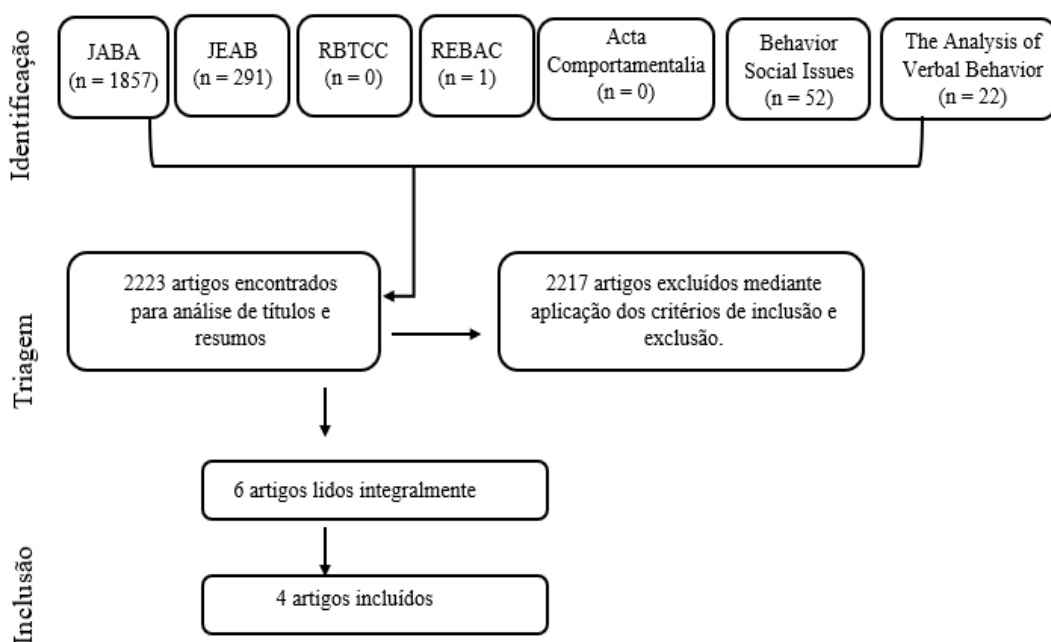


Figura 1. Fluxograma de identificação e seleção dos artigos científicos.

Levantamento das Informações

Posteriormente à seleção dos artigos, procedeu-se com a leitura e fichamentos, totalizando 56 transcrições de trechos. Estas transcrições foram organizadas em uma tabela contendo itens de caracterização do estudo como: 1) objetivo do estudo; 2) método utilizado; 3) área do conhecimento em que se insere a pesquisa; juntamente com categorias de registro que correspondem à estrutura do modelo de tríplice contingência: 4) eventos antecedentes à ocorrência de comportamentos agressivos por alunos; 5) classe de respostas dos comportamentos agressivos por alunos; 6) Repercussões dos comportamentos agressivos para o indivíduo que o emitiu; 7) Repercussões dos comportamentos agressivos para outras pessoas envolvidas; 8) Estratégias de prevenção e manejo ao comportamento agressivo.

Tratamento das Informações

Finalizada a etapa de levantamento das informações, foram construídas categorias de análise que englobaram as informações transcritas e buscaram responder aos objetivos da pesquisa. Elaborou-se assim 4 categorias, apresentadas na seção de resultados e discussões.

Resultados e Discussões

Nesta seção apresenta-se os resultados obtidos, a partir da leitura dos quatro artigos selecionados, e suas respectivas discussões na seguinte ordem: o primeiro subtópico intitulado “Características Gerais: Objetivos e Métodos”, investiga as convergências/ divergências nos objetivos dos estudos, quem são os alunos participantes e se há algum recorte desse público-alvo mais específico que está sendo trabalhado.

Os três subtópicos seguintes abordam os comportamentos agressivos de alunos no contexto escolar em estrutura de tríplice contingência: “Eventos Antecedentes”, “Classe de Respostas” e “Consequências”. Essa organização tem por objetivo apresentar os resultados e discussões de forma mais didática, assim como trazer contribuições a cada uma dessas partes da contingência.

Características Gerais: Objetivos e Métodos

A compreensão de um estudo, sua estrutura e suas possíveis contribuições à ciência e à sociedade são também sinalizadas pelos seus objetivos propostos e métodos adotados. A seguir serão apresentados algumas semelhanças e diferenças encontradas nos quatro artigos selecionados.

No que diz respeito aos objetivos, o Artigo 2 (MacDonald et al., 2013) pontuou:

o propósito do presente estudo era estender a pesquisa anterior comparando CRF [*Esquema de Reforçamento Contínuo*] e reforço INT [*Intermitente*] para transições de extinção de comportamento problemático (a) dentro de um contexto análogo de FA [*Análise*

Funcional] e (b) com múltiplas exposições breves de transição para cada sujeito a compreender os efeitos do CRF e INT no comportamento. (p. 334)¹

No Artigo 1 (Mueller et al., 2011) por sua vez os autores esclarecem:

O propósito do presente estudo foi examinar dados demográficos e clínicos de resultados para 69 alunos cujos comportamentos levaram a 90 análises funcionais realizadas em ambientes de escolas públicas. (p. 808)²

Já no Artigo 3 (Kettering et al., 2018) por declara-se que “[o] objetivo do presente estudo foi examinar os efeitos relativos dos dois procedimentos de desemparelhamento do comportamento evocado por um CMO-R.” (p. 3);³

Por fim, no Artigo 4 (Neves et al., 2020) é apresentado quanto objetivo do trabalho: realizar avaliação funcional da interação professor-aluno em sala de aula, em uma escola municipal com alto índice de violência. Foram identificadas diferentes categorias e frequências de comportamento. Também foi avaliado se havia diferenças entre eventos ambientais antecedentes e subsequentes em relação ao tipo de comportamento (se apropriado ou inapropriado à situação de aprendizagem escolar) emitido por alunos que apresentavam problemas de indisciplina e aqueles que não apresentavam esse tipo de problema. (p.3);

¹ No texto original de MacDonald et al. (2013) “More specifically, the purpose of the present study was to extend previous research by comparing CRF and INT reinforcement-to-extinction transitions for problem behavior (a) within an analogue FA context and (b) with multiple brief exposures to each transition within subject to understand the effects of CRF and INT schedules on behavior” (p.334).

² No texto original Mueller et al. (2011) “The purpose of the present study was to examine demographic and clinical outcome data for 69 students whose behaviors led to 90 functional analyses that were conducted in public school settings.” (p.808).

³ No texto original Kettering et al. (2018) “The translational goal of the present study was to examine the relative effects of the two unpairing procedures on behavior evoked by a CMO-R” (p.3).

A partir das transcrições acima do que os quatro artigos trazem enquanto seus objetivos, pode-se perceber que em nenhum deles é pontuada diretamente a demanda de comportamentos agressivos de alunos. A situação da agressão aparece em segundo plano, seja dentro de uma categoria de comportamentos inadequados à aprendizagem ou ainda para se estudar procedimentos como o desemparelhamento, esquemas de reforço e extinção.

Essa ausência de comportamentos agressivos de alunos como objetivo principal, mesmo dentro do número pequeno de artigos selecionados que atendiam os critérios de inclusão desta pesquisa, pode ter implicado no não aprofundamento sobre tal área e pode nos levar a questionamentos como: será que esta área de investigação já foi bastante explorada ao ponto de não se estar mais a enfatizando na produção de estudos? Ela não é considerada tão relevante? Ou ainda, existe um campo rico e necessitando de mais pesquisas na perspectiva da análise do comportamento?

Sobre as indagações presentes no final do parágrafo anterior, retoma-se o trabalho de Almeida e Zilio (2020) sobre análise do uso do termo violência na literatura analítico-comportamental, inclusive utilizando o descritor “agressão”, em 16 periódicos e duas bases de dados (SciELO e a coletânea *Sobre Comportamento e Cognição*) durante todo o período de publicação destas, no qual foi encontrado apenas 3 artigos no contexto escolar dentre as 61 pesquisas da amostra geral, constituindo um número pequeno neste ambiente e que dá indícios para acreditar-se que este é um campo rico e que ainda têm-se bastante a se investigar.

Em relação aos métodos, destaca-se a escolha de participantes, uma vez que os estudos sobre comportamentos agressivos de alunos tiveram um olhar voltado mais especificamente para os estudantes que já apresentam o comportamento problema ao invés de estudos preventivos, por exemplo.

O Artigo 2 (Mac Donald et al., 2013) se deu com quatro meninos com TEA, que foram encaminhados por suas escolas por apresentarem comportamentos problemáticos que interferiam em suas atividades educativas; enquanto o Artigo 1 (Mueller et al., 2011) diz que dos 69 discentes que compunham a amostra de seu estudo, 47 (68%) eram diagnosticados com TEA, incluindo Síndrome de Asperger e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento sem outra especificação, e 22 (32%) com alunos neurotípicos.

No Artigo 3 (Kettering et al., 2018) os participantes eram quatro alunos encaminhados para avaliação e tratamento de comportamento problemático em sala de aula; enquanto o Artigo 4 (Neves et al., 2020) teve como público participante seis estudantes de escola pública com alto índice de violência escolar.

Esses dados permitem refletir que o comportamento agressivo tem sido estudado com participantes que já emitem tais comportamentos de forma recorrente. Ressalta-se também a ênfase em estudar comportamentos agressivos com alunos diagnosticados com TEA, tratando assim a agressão como algo mais particular de um público, e não em uma amostra mais ampla, como por exemplo, todos os alunos de uma sala de aula. Uma exceção é o Artigo 4 (Neves et al., 2020) que envolve em sua pesquisa tanto discentes com comportamentos tidos como adequados quanto discentes com comportamentos considerados inadequados à aprendizagem.

Sugere-se que pesquisas futuras acerca de comportamentos agressivos de alunos em contexto escolar selecionem uma amostra de participantes mais variada do que a encontrada neste estudo, isto é, aumente a investigação da agressão tanto no público de discentes com desenvolvimento típico quanto atípico, o que pode possibilitar outras compreensões sobre o fenômeno e entender a ocorrência de comportamentos agressivos não como algo peculiar a alunos com desenvolvimento atípico.

Para concluir a categoria “Características Gerais: Objetivos e Métodos”, pontua-se que a Análise Funcional ou Avaliação Funcional⁴ esteve presente em todos os quatro artigos selecionados. Em alguns destes, a temática foi trazida ainda dentro dos objetivos da pesquisa, em outros ela foi citada enquanto etapa dos procedimentos adotados.

Dentre as discussões sobre análise funcional a partir dos artigos eleitos pode-se discutir sobre os possíveis benefícios desta para melhor compreender a ocorrência de comportamentos agressivos na esfera escolar. No Artigo 2 (MacDonald et. al, 2013), os autores se referem à análise funcional enquanto método bem estabelecido para avaliar o comportamento problemático; enquanto no Artigo 1 (Mueller et al., 2011) foi citado que as avaliações funcionais podem ter resultados úteis para o planejamento de intervenções.

No Artigo 1 (Mueller et al., 2011), os autores falam ainda que a avaliação funcional do comportamento pode ser uma ferramenta da psicologia para promover melhores contextos de ensino e aprendizagem, e sugere aos professores que estes realizem análise funcional a fim de facilitar a ocorrência de comportamentos mais adequados dos alunos.

Contudo, considerando os possíveis resultados e benefícios apresentados em se utilizar a análise funcional, observou-se que apenas no Artigo 4 (Neves et. al, 2020) é apresentada uma definição, e esta última é mais especificamente sobre avaliação funcional, compreendida no artigo mencionado da seguinte forma:

Nesse sentido a avaliação pode ser parte de uma Análise Funcional - já que esta exige a manipulação de variáveis. Assim, por avaliação funcional nos referimos a interpretações

⁴ Esses autores usam tanto o termo avaliação funcional quanto análise funcional em seu estudo, diferenciando-as da seguinte maneira “Functional analysis is a functional assessment methodology in which discriminative stimuli, motivating operations (MO), and potential reinforcers for a target behavior are carefully arranged in a controlled manner to elucidate and isolate the effects of potential sources of reinforcement” (Mueller et al., 2011, p.807).

de possíveis relações entre eventos ambientais e respostas extraídas dos registros em vídeo de interações em sala de aula sem que tenha ocorrido a manipulação de variáveis que comprovaria a relação funcional. (Mueller et al., 2011, p.2).

De acordo com Micheletto (2000) as diferenciações na compreensão analítico-comportamental para a relação organismo-ambiente influenciam na falta de consenso da literatura sobre o conceito de análise funcional enquanto recurso explicativo. Considerando essas divergências conceituais, pode-se supor que em estudos que trazem a análise funcional ou avaliação funcional como objetivo ou procedimento adotado, e ainda assim se omitem de apresentar o conceito que estão usando pode dificultar a compreensão do que se está investigando mais especificamente. Sugere-se então que os estudos futuros apresentem o que estão trabalhando enquanto análise funcional possibilitando assim, identificar o que estão tratando enquanto análise funcional.

Eventos Antecedentes

Em relação aos eventos antecedentes à ocorrência de comportamentos agressivos de alunos, os quatro artigos selecionados não discutem de forma mais detalhada sobre o tema. Alguns trechos, porém, possibilitam a realização de alguns questionamentos, tal qual no Artigo 1 (Mueller et al., 2011), no qual é apresentado o seguinte excerto: “ambientes escolares provavelmente produzem mais demandas do que outros ambientes, então, o reforço negativo pode ser um potente reforçador de comportamentos perigosos. A maior porcentagem de comportamentos problemáticos no atual estudo foi reforçada por fuga”⁵ (p.815, tradução livre).

⁵ No original “School settings most likely produce more demands than other settings do, so negative reinforcement might be a potent reinforcer for dangerous behaviors. The highest percentage of problem behaviors in the current study was reinforced by escape.”

No trecho destacado acima, pode-se refletir sobre o próprio ambiente escolar como um evento antecedente para ocorrência de comportamentos agressivos dos alunos, no que tange sua considerável produção de demandas aversivas para os discentes. Em suma, pode-se pensar que diante da maior demanda de atividades, os alunos podem vir a se utilizar de comportamentos agressivos como estratégia de fuga.

Sobre o número alto de atividades escolares e a ocorrência de comportamentos agressivos, Lipp et al. (2002) citam em seu estudo um levantamento feito com 66 crianças em idade escolar com sintomas intensificados de estresse; sendo que uma das queixas dos alunos como contribuinte para o contexto estressor são as tarefas em excesso. Não obstante, sintomas de estresse em crianças segundo estes mesmos autores podem contribuir para o surgimento de comportamentos agressivos, dificuldade de concentração, ansiedade, entre outros. Picado e De Rose (2009) falam que discentes das mais variadas idades buscam por meio de comportamentos agressivos a resolução de conflitos interpessoais e de situações estressantes. Além disso, cabe ressaltar o componente respondente do comportamento agressivo: a agressão pode ser um dos efeitos colaterais da estimulação aversiva nos sujeitos⁶.

Ainda sobre este assunto, Leite e Karge (2009) realizaram uma pesquisa sobre efeitos aversivos das práticas de avaliação da aprendizagem escolar, e foi possível notar pelo conteúdo trazido pelos participantes uma sobrecarga de demandas feitas pela escola no período de provas. Os discentes relataram sofrer impactos como ansiedade e nervosismo, que por sua vez podem prejudicar seu desempenho escolar e gerarem uma aversão a esse contexto.

⁶ Para leituras sobre agressão induzida por comportamentos agressivos pode-se verificar Ulrich e Azrin (1962) e Soares e Goulart (2015).

O segundo ponto trazido no Artigo 4 (Neves et al., 2020) é como o comportamento do professor em sala de aula pode ser evento antecedente para a ocorrência de comportamentos adequados ou inadequados dos alunos, inclusive comportamentos agressivos, tal ideia é elucidada no trecho a seguir:

Os comportamentos de explicar da professora - seja um conteúdo ou uma tarefa - foi o evento antecedente com maior porcentagem tanto para comportamentos adequados quanto inadequados. Por um lado, se espera que os comportamentos adequados dos alunos estejam sob controle do comportamento da professora. Por outro, é curioso notar que este mesmo evento esteve frequentemente e contiguamente relacionado a comportamentos inadequados. (p.8).

Uma das hipóteses utilizadas pelo Artigo 4 (Neves et al., 2020) para se buscar entender essas diferenças de comportamentos dos alunos diante da explicação da professora baseia-se em: é possível que professores tendam a se atentar mais aos (i) comportamentos adequados dos alunos mais disciplinados e (ii) comportamentos inadequados dos alunos indisciplinados. Em Scott et al. (2011), as oportunidades para responder que o professor fornece ao grupo ou a um aluno individual foram identificadas como um comportamento positivamente correlacionado com a melhoria dos resultados acadêmicos e comportamentais dos alunos (p.8).

Ademais, Neves et al. (2020) apresentam o estudo de Scott et. al. (2011), o qual corrobora com as ideias expressas acima ao descrever que os professores apresentavam diferentes oportunidades aos grupos com e sem Transtornos Disruptivos do Comportamento, gerando diferenças na forma de se comportar entre grupos, isto é, para além da variável presença ou ausência de diagnóstico de Transtorno Disruptivo. Deste modo, Neves et al. (2020) discutem

que a relação do comportamento do docente para com o aluno parece ser relevante para a emissão de um comportamento adequado ou inadequado.

Em suma, considerando tais afirmações apresentadas no Artigo 4 (Neves et al., 2020), pode-se supor que os comportamentos agressivos dos alunos podem estar sendo reforçados pelos professores junto a outros comportamentos, inclusive os considerados adequados para com os objetivos da educação.

De modo geral, os dois tópicos levantados nos textos sobre eventos antecedentes ao comportamento agressivo de alunos, dizem respeito a variáveis do espaço escolar, mais especificamente o número de atividades programadas e alguns comportamentos do professor. Portanto, é necessário se atentar para que a escola seja um ambiente sinalizador para construção de relações e vivências mais saudáveis e menos violentas, ao invés de fomentadora de comportamentos agressivos de alunos. Também cabe ressaltar a importância de uma maior discussão sobre a temática na literatura, já que segundo Menezes e Gon (2013), os eventos antecedentes fazem parte da relação de contingência, podendo definir a efetividade e disponibilidade de um evento consequente e aumentar a probabilidade de uma resposta vir a ocorrer. Deste modo, identificar eventos antecedentes funcionalmente relevantes pode ajudar na avaliação e intervenção de comportamentos problema.

Classe de Respostas

Em todos os quatro artigos selecionados neste estudo há uma descrição das classes de respostas relacionadas à ocorrência de agressão. Abaixo, apresenta-se resumidamente o que cada artigo trouxe enquanto respostas agressivas dos alunos e em seguida, realiza-se algumas reflexões acerca desses achados.

No Artigo 2 (MacDonald et al., 2013) são apresentadas as seguintes classes de respostas: qualquer instância de agarrar, beliscar, bater, chutar ou morder outra pessoa, mordida em sua própria mão e choramingar (explicitado no estudo enquanto elevação da voz em um tom mais alto do que o nível de conversação normal).

No Artigo 1 (Mueller et al., 2011) são citados:

Das 90 análises funcionais, 47% visavam a agressão. Comportamento autolesivo (SIB), acessos de raiva, destruição de propriedade e agressão com destruição de propriedade compreendiam cada um 9%. O restante das topografias consistia em vocalizações, bater, gritar, agressão com SIB, mordidas, toques e agressões com gritos (para um total de 17% da amostra). (pp.812-813, tradução livre)⁷.

Já no Artigo 3 (Kettering et al., 2018) os autores relatam que o comportamento problema variante para cada participante englobou: Comportamento autolesivo (bater e movimentar a cabeça), beliscar, arranhar e morder.

Finalmente, o Artigo 4 (Neves et al., 2020) trouxe os comportamentos agressivos dentro de uma classe maior denominada comportamentos inadequados:

Os comportamentos inadequados envolviam comportamentos que potencialmente diminuíssem a probabilidade de aprendizagem, e foram definidos nas subcategorias: (d) Indisciplina (IND) (i.e., descumprir regras escolares, rir ou conversar com o colega enquanto a professora realiza exposição de conteúdo; falar com tom irônico); (e) Violência Verbal (VV) - dizer palavras de baixo calão, ofender oralmente ou

⁷ No original “Of the 90 functional analyses, 47% targeted aggression. SIB, tantrums, property destruction, and aggression with property destruction each comprised 9% of the analyses. The remainder of the topographies consisted of disruption, vocalizations, flopping, screaming, aggression with SIB, mouthing, touching, and aggression with screaming (for a total of 17% of the sample).” (Mueller et al., 2011, p. 812-813).

gestualmente colegas ou professores; (f) Agressão Física (AF) - chutar, beliscar, tocar outra pessoa com força desproporcional ou atirar objetos em outras pessoas e (g) Desviar atenção durante tarefa (DAT) - conversar sobre assuntos não relacionados a tarefa, olhar para outros lugares, desenhar, bocejar, dormir durante período dedicado para realização de tarefas acadêmicas. A categoria Outros foi composta por comportamentos que não se enquadravam nas categorias anteriores. (p. 3).

De modo geral, considerando as descrições de classes de respostas acima identificou-se: Primeiro, a maior parte dessas topografias foram de agressão física (incluindo do tipo patrimonial). Estas, por sua vez, estavam direcionadas tanto à própria pessoa, como nos casos de comportamento autolesivo (morder a própria mão, bater a própria cabeça, por exemplo), quanto a outrem (bater, chutar, atirar objetos etc.) ou ainda outros lugares/objetos (destruição de propriedade).

Segundo, muitas vezes, as classes foram definidas a partir da observação dos comportamentos de cada participante do estudo, havendo assim uma grande variabilidade de topografias de respostas tidas como agressivas. Em suma, essas constatações sobre a diversidade de topografias que compõem as classes de respostas agressivas dos estudos levantados, permitem refletir que não são as topografias que tem tido destaque na definição do que é uma agressão, apesar de que segundo Leite (1986), elas fazem parte de um dos três critérios para se considerar um comportamento enquanto agressivo, juntamente com os eventos antecedentes e as consequências.

Isoladamente, a diversidade de topografias que compõem um padrão de comportamento agressivo não parece ser um problema caso se tenha estabelecida uma operacionalização do termo. Porém se não há uma classe de respostas bem definida identificada enquanto agressão e

nem um direcionamento do que foi utilizado para considerar aquela resposta específica enquanto parte de uma contingência agressiva, é importante questionar: O que se pode considerar para saber que o fenômeno da agressão está sendo abordado com critérios similares? Nenhum dos quatro artigos selecionados traz a operacionalização do termo agressão, nem referências que permitam compreender quais critérios foram utilizados para englobar tais respostas, como por exemplo, citar uma possível função em comum de comportamentos agressivos. Neste ponto, sugere-se que os próximos trabalhos, seja em contexto aplicado ou experimental, apontem a definição de agressão que estão considerando em sua pesquisa.

Consequências

Neste tópico serão apresentadas algumas reflexões sobre as consequências dos comportamentos agressivos de alunos a partir dos artigos selecionados.

Em relação às consequências de respostas agressivas, destaca-se, primeiro, a fuga de demandas e interrupção de atividades por parte dos alunos que emitiram tais respostas, discussão presente no Artigo 2 (MacDonald et. al., 2013) e Artigo 1 (Mueller et al., 2011), e segundo, a obtenção de atenção dos discentes/participantes pelos professores/pesquisadores, apresentada no Artigo 2 (MacDonald et. al., 2013) e Artigo 4 (Neves et. al., 2020). O Artigo 3 (Kettering et. al., 2018) não trouxe as consequências dos comportamentos agressivos como elemento discursivo de sua pesquisa.

No que tange à primeira consequência, o Artigo 1 (Mueller et al., 2011) diz que a fuga de demandas acadêmicas difíceis ou não preferíveis pelos alunos (identificada em 35% nos resultados), presente dentro da categoria reforçamento social negativo no estudo citado, foi a variável predominante para a manutenção da resposta de agressão, sobressaindo-se em relação ao reforçamento social positivo (atenção, acesso a item tangível preferível, acesso a uma atividade

interrompida) e ao reforço automático (cujo critério para classificação nesta categoria foi de que não houve entrega de consequências programadas e nem interação entre os participantes e pesquisadores).

Catania (1998, p. 117) cita fuga como um dos exemplos de reforço negativo: “a resposta de um organismo suspende um estímulo aversivo”. Usualmente na Análise do Comportamento, o controle do comportamento por processos de reforço negativo (inclusive a fuga) juntamente com a punição são chamados de controle aversivo.

O controle aversivo de modo geral, no contexto escolar, pode trazer consequências danosas para os membros da comunidade que a compõem e para as pessoas com quem estes convivem. Ao se pensar no uso de controle aversivo para com os alunos, Souza e Reis (2006) alertam sobre diversos impactos negativos como padrões de comportamentos antissociais, de insegurança e desconfiança. O rendimento escolar também pode ser dificultado, uma vez que a escola pode ganhar função de estímulo aversivo para os discentes, além da ocorrência de comportamentos agressivos.

No que concerne à segunda consequência observada nos artigos, isto é, a obtenção de atenção dos discentes/participantes pelos professores/pesquisadores, o Artigo 2 (MacDonald et al., 2013) traz a descrição em seus procedimentos da contingência denominada como função de atenção: na presença de demanda de atividades, ocorria resposta agressiva (diferente comportamento-alvo para cada aluno participante do estudo), em seguida ocorria fala da pesquisadora “não faça isso, você vai se machucar”, contato físico com participante por cinco segundos e retirada da tarefa. Chama-se atenção quanto a essa descrição de categoria como função de atenção, pois apesar dos autores enfatizarem apenas esta função, parece se tratar de

funções combinadas de atenção e fuga de demandas. O que está em acordo com as duas funções do comportamento agressivo identificadas neste trabalho (fuga e atenção).

Já no Artigo 4 (Neves et al., 2020) observou-se que após a ocorrência de comportamentos inadequados de alunos a professora realizou advertências. No caso do grupo 1 de alunos (agrupados neste estudo por emitirem mais comportamentos apropriados), a professora advertiu toda a turma, enquanto para o grupo 2 (agrupados previamente por emitirem mais comportamentos inapropriados) a advertência foi dada individualmente.

Os autores discutem acerca dos docentes utilizarem de advertência individual para o grupo 2 a fim de reduzirem a frequência de seus comportamentos considerados inadequados à aprendizagem, contudo provavelmente este manejo tem efeito contrário, aumentando a probabilidade de comportamentos problema como agressão virem a ocorrer no futuro, reforçados neste caso por atenção social.

Tanto no Artigo 2 quanto no Artigo 4, compreende-se que a consequência apresentada sob diferentes topografias para a classe atenção tem função de reforçador positivo para a resposta agressiva, visto que a probabilidade desta resposta de agressão voltar a ocorrer aumenta pela adição do estímulo reforçador atenção (Moreira & Medeiros, 2019).

Campos (2010), em sua dissertação acerca dos efeitos indesejados do reforço positivo, discute as preocupações de Skinner e de outros analistas do comportamento sobre a Teoria do Reforço. Entre os achados do autor, enfatiza-se como efeitos indesejados: a suscetibilidade evoluída ao reforço positivo; aplicação incorreta de procedimentos de reforço positivo; os efeitos produzidos pelo próprio estímulo, como o imediatismo; e os efeitos emocionais, como sensação de prazer e excitação. Estas sensações poderiam ser buscadas incessantemente por meio de

comportamentos inadequados, ainda que a longo prazo tivessem consequências danosas para a sobrevivência do indivíduo e de sua cultura.

De modo geral, Campos (2010) diz que o uso do reforçamento positivo, na maioria das vezes, é mais favorável ao bem-estar do indivíduo e de sua espécie, porém não se pode entender isso como verdade absoluta, fazendo-se necessário estudá-lo cada vez mais, evoluindo na compreensão da complexidade do comportamento humano.

Por fim, considerando as lacunas identificadas no estudo de eventos consequentes ao olhar-se para os quatro artigos, sugere-se o aprofundamento nos impactos dos comportamentos agressivos não somente para os indivíduos que o emitiram, mas para outras pessoas com quem ele interage na comunidade escolar, uma vez que a análise do comportamento de terceiros em relação a uma resposta agressiva poderia estender a compreensão sobre este fenômeno tão complexo.

Considerações Finais

A educação tem inúmeras contribuições para com a sociedade e encontra na escola um espaço para a sua difusão. Contudo, existem desafios para que ela obtenha êxito em seus objetivos, tal como a ocorrência de comportamentos agressivos. Diante desta situação, este estudo de caráter conceitual buscou analisar como está sendo abordada a temática de comportamentos agressivos de alunos em sala de aula, tanto no ensino fundamental quanto médio, em artigos cuja perspectiva é de autores da análise do comportamento.

Entre as principais contribuições deste trabalho destaca-se a produção de conhecimento acerca de comportamentos agressivos de discentes, no que tange a análise de seus eventos antecedentes e consequentes, algumas reflexões sobre como manejá-los, além de pensar o quão sólida está a operacionalização do termo agressão nas pesquisas selecionadas.

A relevância deste trabalho é amparada também pela contradição entre o número escasso de artigos encontrados (quatro apenas) sobre o tema de comportamentos agressivos de alunos na escola e os possíveis impactos negativos destes sobre a educação e o processo de aprendizagem. Configurando-se, pois, o comportamento agressivo em um campo rico para se explorar, com algumas importantes lacunas identificadas no presente estudo.

Ainda no que diz respeito às contribuições desta pesquisa destaca-se: primeiro, a identificação da necessidade de destinar maior atenção ao estudo de eventos antecedentes a respostas agressivas, especialmente as apontadas nos artigos selecionados neste trabalho, como número alto de atividades escolares, de caráter difícil ou pouco atrativas, e alguns comportamentos do professor em sala de aula, como explicar a tarefa ou conteúdo, que podem favorecer comportamentos agressivos de estudantes; segundo, a identificação da necessidade de alinhar a operacionalização do termo agressão contribuindo para uma possível comparação entre estudos realizados e maior robustez do dados.

Quanto às limitações deste estudo pontua-se: o número pequeno de artigos encontrados, o que dificultou uma análise mais robusta dos dados, mesmo após uma pesquisa na literatura produzida com um tempo considerável (últimos dez anos) e com descritores de busca para além de comportamentos agressivos, tal qual violência. Como possíveis estratégias a esta limitação sugere-se aumentar o número de periódicos de análise do comportamento consultados e investigar temas transversais que poderiam estar trabalhando comportamentos agressivos de forma indireta, tal como o campo das habilidades sociais.

Por fim, lembrando-se os objetivos propostos inicialmente para este estudo, conclui-se que revisitar a literatura científica a partir da análise do comportamento pode ser uma importante fonte para gerar novos questionamentos acerca da temática de comportamentos agressivos de

alunos no contexto escolar que auxiliam em sua compreensão e manejo, assim como descobrir possibilidades de intervenções.

Referências

- Abramovay, M., Castro, M. G., Silva, A. P., & Cerqueira, L. (2016). *Diagnóstico Participativo das Violências nas Escolas: falam os Jovens*. FLACSO - Brasil, OEI, MEC.
- Almeida, R. R., & Zilio, D. (2020). O que é violência? Uma análise sobre os usos do termo na literatura analítico-comportamental. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 22 (1). <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v22i1.1419>
- Batista, A. S., & Pinto, R. M. (1999). Segurança nas escolas e Burnot nos professores. Em Codo, W. (Coord.). *Educação: carinho e trabalho*, 312-332. Vozes.
- Becker, K. L., & Kassouf, A. L. (2016). Violência nas escolas públicas brasileiras: uma análise da relação entre comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar. *Nova Economia*, 2 (26), 653-677. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-6351/2591>
- Brandão, L. C. (2016). Comunicação escola e família: uma intervenção com professores baseada na análise funcional do comportamento. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo].
- Brasil. Ministério da Educação. (2014). *Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem*. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação.
https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pesquisa_talis/2013/talis2013_relatorio_brasil.pdf
- Brecht, B. (1973). *Poemas* (A. Saraiva, Trad.). Editorial Presença.
- Campos, A. (2010). *Análise de efeitos indesejáveis do reforço positivo*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina].

- Capelari, A.; Fazzio, B.F.S. (1999). O estudo da violência no laboratório. In R.R. Kerbauy, & R.C. Wielenska (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição: Psicologia Comportamental e Cognitiva - da reflexão teórica à diversidade na aplicação* (pp. 177-183). Arbytes.
- Carvalho Neto, M. B. D., Alves, A. C. P., & Baptista, M. Q. G. (2007). A consciência como um suposto antídoto para a violência. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9 (1), 27-44. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v9i1.144>
- Catania, A.C. (1998). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Trad. de D.G. Souza. Artes Médicas.
- Cittadin, I., & França, M. T. A. (2018). A violência interna e externa como fator de influência no desempenho de alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental. Em Sachsida, A. (Org.). *Políticas públicas avaliando mais de meio trilhão de reais em gastos públicos*, 555-582. Ipea.
- Coie, J. D., & Dodge, K. A. (1998). Aggression and antisocial behavior. Em W. Damon & N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology: Social, emotional and personality development* (5a. ed., 779-862). Wiley.
- Cunha Neto, J. S. (2018). Avaliação da exposição prévia a estímulos estressores aversivos inatos e aprendidos sobre o comportamento agressivo de camundongos (*Mus musculus albinus*): influência de mecanismos GABAérgicos e dopaminérgicos. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo].
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo* (2ª ed). Vozes.

- Ferreira, D. C. (2010). O Conceito de Incontrolabilidade na Pesquisa Experimental e na Terapia Comportamental da Depressão [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará].
- Freitas, M. C., & Mendes, E. G. (2008). Análise funcional de comportamentos inadequados e inclusão: uma contribuição à formação de educadores. *Temas em Psicologia*, 2 (16), 261-271. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751432009>
- Glidden, R. F., & Gross, I. (2016). Práticas coercitivas na educação, o que dizem e o que fazem os professores. *Revista Reflexão e Ação*, 1 (24), 402-424. <https://doi.org/10.17058/rea.v24i1.4264>
- Haynes, S. N., & O'Brien, W. H. (1990). Functional analysis in behavior therapy. *Clinical Psychology Review*, 10 (6), 649-668. [https://doi.org/10.1016/0272-7358\(90\)90074-k](https://doi.org/10.1016/0272-7358(90)90074-k)
- Henklain, M. H. O., & Carmo, J. S. (2013). Contribuições da Análise do Comportamento à Educação: Um convite ao diálogo. *Cadernos de Pesquisa*, 43 (149), 704-723. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742013000200016>
- Hunter, L. (2003). School psychology: a public health framework. III. Managing disruptive behavior in schools: the value of a public health and evidence-based perspective. *Journal of School Psychology*, 41 (1), 39-59. [https://doi.org/10.1016/S00222-4405\(02\)001143-7](https://doi.org/10.1016/S00222-4405(02)001143-7)
- Jucá, B. (2019, Julho 04). *Dor e superação em Suzano, a árdua luta das vítimas contra as sequelas do massacre*. EL PAÍS. https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/24/politica/1561391416_997865.html
- LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. (2017). Brasília: Senado Federal.

- Leite, S. A. S. (1986). Agressividade. In Conselho Regional de Psicologia 6ª Região, Sindicato de Psicólogos no Estado de São Paulo (Orgs.), *Psicologia no Ensino de 2º Grau: Uma proposta emancipatória*, (Cap. 13, 147-170). EDICON.
- Leite, S. A. S., & Kager, S. (2009). Efeitos aversivos das práticas de avaliação da aprendizagem escolar. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 17 (62), 109-134. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362009000100006>
- Lipp, M. E. N., Arantes, J. P., Buriti, M. S., & Witzig, T. (2002). O estresse em escolares. *Psicologia Escolar e Educacional*, 1 (6), 51-56. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572002000100006>
- Lira, A., & Medeiros, J. N. F. (2015). Adoecimento e colapso do professor: impactos da violência na escola. *Educere: La Revista Venezolana de Educación*, 64 (19), 765-775. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35643544009>
- Luizzi, L., & Rose, T. M. S. (2010). Intervenções para a prevenção e redução de comportamentos agressivos e a formação de professores. *Temas em Psicologia*, 1 (18), 57-69. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751435006>
- Mendes, D. D., Mari, J. J., Singer, M., Barros, G. M., & Mello, A. F. (2009). Estudo de revisão de fatores biológicos, sociais e ambientais associados com o comportamento agressivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 31 (2), 77-85. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462009000600006>
- Menezes, C. C., & Gon, M. C. C. (2013). A Influência de Eventos Antecedentes nos Problemas de Comportamento Infantil: Revisão de Conceitos e Aplicabilidade. *Interação Psico*. 15 (2), 169-177. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v15i2.21105>.
- Micheletto, N. (2000). Bases filosóficas da noção de relação funcional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 2, 115-121.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452000000200002&Ing=pt&tIng=pt

Moreira, M. B. & Medeiros, C. A. (2019). *Princípios Básicos da Análise do Comportamento* (2a. ed.). Artmed.

Neno, S. (2003). Análise funcional: definição e aplicação na terapia analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5 (2), 151-165. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-5545200030002000006&Ing=PT&tIng=pt

Pereira, C., & Gioia, P. (2010). Formação de professores em análise do comportamento para manejo de comportamentos considerados violentos de alunos. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 12 (1/2), 121-145. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v12i1/2.419>

Picado, J. R., & De Rose, T. M. S. (2009). Acompanhamento de Pré-escolares Agressivos: Adaptação na Escola e Relação Professor-Alunos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29 (1), 132-145. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000100011>

Santos, J. M. G. (2019). *Modelos de Gestão Pública Brasileiros: uma Discussão sob o enfoque da Análise do Comportamento*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará].

Scott, T., Alter, P., & Him, R. (2011). An Examination of Typical Classroom Context and Instruction for Students With and Without Behavioral Disorders. *Education and Treatment of Children*, 34 (4), 619-641. <http://www.jstor.org/stable/42900137>

Sidman, M. (2009). *Coerção e suas implicações*. Tradução de M. A. Andery, & T. M. Sério
Campinas: Livro Pleno. (Texto Original Publicado em 1989).

- Silva, F. R., & Assis, S. G. (2018). Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, 44, 1-13. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201703157305>
- Skinner, B. F. (2003). *Ciencia e comportamento humano*. 11 ed. Tradução de J. C. Todorov e Rodolpho Azzi. Martins Fontes. (Trabalho Original publicado em 1953).
- Soares, P. F. R., & Carvalho Neto, M. B. (2016). Agressão e Análise do Comportamento: A História do Modelo de “Pain-Agression”. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 12 (1) , 65-74. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v12i1.4024>
- Soares, P. F. R., & Goulart, P. R. K. (2019). Agressão Induzida no JEAB: Um Levantamento de Publicações. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 11 (1), 93-100. doi: 10.18542/rebac.v11i1.2360
- Souza, C. M. G., & Reis, M. (2006). Os efeitos da punição sobre o comportamento de crianças e adolescentes. *Revista de Psicologia*, 1-3. <http://blog.newtonpaiva.br/psicologia/wp-content/uploads/2012/08/pdf-e2-06.pdf>
- Teixeira, E. C., & Kassouf, A. L. (2015). Impacto da Violência nas Escolas Paulistas sobre o Desempenho Acadêmico dos Alunos. *Economia Aplicada*, 19 (2), 221-240. <https://doi.org/10.1590/1413-8050/ea124436>
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais na análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 7 (3), 213-222. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1999000300003&lng=pt&tlng=pt.
- Ulrich, R. E., & Azrin, N. H. (1962). Reflexive fighting in response to aversive stimulation. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 5(4), 511-520. <https://doi.org/10.1901/jeab.1962.5-511>

Vasconcelos Neto, A. B. (2007). Uma Discussão dos Usos do Termo Eventos Privados na Análise do Comportamento à Luz de Proposições do Pragmatismo [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará].

Viecili, J., & Medeiros, J. (2002). A coerção em sala de aula: decorrências de seu uso pelo professor na produção do fracasso escolar. *Interação em Psicologia*, 6 (2).

<https://dx.doi.org/10.5380/psi.v6i2.3306>

APÊNDICE A

LISTA DE ARTIGOS SELECIONADOS

Nº artigo	Autores	Ano	Título	Periódico
1	Mueller, M. M., Nkosi, A., & Hine, J. F.	2011	PERSISTENCE DURING EXTINCTION: EXAMINING THE EFFECTS OF CONTINUOUS AND INTERMITTENT REINFORCEMENT ON PROBLEM BEHAVIOR	Journal of Applied Behavior Analysis (JABA)
2	MacDonald, J. M., Ahearn, W. H., Parry Cruwys, D., & Bancroft.	2013	PERSISTENCE DURING EXTINCTION: EXAMINING THE EFFECTS OF CONTINUOUS AND INTERMITTENT REINFORCEMENT ON PROBLEM BEHAVIOR	Journal of Applied Behavior Analysis (JABA)
3	Kettering, T. L., Neef, N. A., Kelley, M. E., & Heward, W. L.	2018	A COMPARISON OF PROCEDURES FOR UNPAIRING CONDITIONED REFLEXIVE MOTIVATING OPERATIONS	Journal of the Experimental Analysis of Behavior (JEAB)
4	Neves, S. M. M., Bomfim, F. C., Todorov, J. C., Baia, F. H., Souza, A. C. G., Melo Junior, I. F., Carneiro, W. M., & Giglio, L. M.	2020	AVALIAÇÃO DE EVENTOS ANTECEDENTES E SUBSEQUENTES A COMPORTAMENTOS ADEQUADOS E INADEQUADOS NA INTERAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	Revista Brasileira de Análise do Comportamento (REBAC)